

**CAMINHOS POSSÍVEIS:
O IMAGINÁRIO COLETIVO DE PROFESSORES SOBRE O ADOLESCENTE
CONTEMPORÂNEO**

Tomiris Forner Barcelos

Walkiria Cordenonssi Cia

Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Universidade de São Paulo

Resumo: Partindo de uma perspectiva psicanalítica, que concebe o amadurecimento emocional intrinsecamente ligado ao ambiente vivido, investigamos o imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. Realizamos uma entrevista grupal para abordagem da personalidade coletiva, fazendo uso do Procedimento de Desenhos–Estórias com Tema, que foi registrada por meio da elaboração de uma narrativa transferencial. O material foi considerado à luz do método psicanalítico, tendo em vista a produção de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Chegamos à interpretação de três campos: “Inútil! A gente somos inútil”, “Você tem fome de quê?” e “No caminho do bem”. O quadro geral indica que os adolescentes figuram, no imaginário dos professores de modo predominantemente negativo, desvalorizado e pessimista.

Palavras – Chave: Adolescência; Professores; Imaginário Coletivo; Procedimento Desenhos–Estórias com Tema; Educação.

Introdução

Compreendo a psicologia, em sua vertente psicanalítica, como ciência humana, adotamos uma perspectiva epistemológico segundo a qual os fenômenos humanos não podem ser compreendidos dissociados do contexto em que acontecem. Dessa forma, repudiamos propostas metodológicas que se realizam pela via da investigação de condutas humanas como se fossem fenômenos abstratos e descolados das situações reais, históricas e presentes, nas quais transcorre sua vida (BLEGER, 1963/1989; GREENBERG; MITCHELL, 1994; STOLOROW, 2000).

Constatamos, pela própria observação de interações cotidianas, uma tendência atual a se referir à adolescência como uma etapa inata dos seres humanos, muitas vezes atribuída de características de cunho negativo. Criticamos tal postura, alinhando-nos a autores que defendem a importância de olhar para os jovens nos contextos em que estão inseridos, bem como a de realizar pesquisas que possibilitem a expressão dos adolescentes⁵², favorecendo o conhecimento de como se vêem e não apenas como são descritos, possibilitando a realização de um estudo compreensivo (CAMPS, 2009; SALLES, 2005; BARRETO, 2006, 2007; PRATTA e SANTOS, 2007). Ouvir a “voz” dos adolescentes nos parece fundamental nestes tempos em que as ciências humanas avançaram no sentido da superação de enfoques objetivantes, antes concebidos como única forma de produção de estudos rigorosos, para entender como os entrevistados comunicam suas experiências como sujeitos e como pessoas (GILLIGER, 1993).

Quando organizamos nossos estudos a partir de um modelo intersubjetivo de produção do conhecimento, que inclui a consideração do contexto inter-humano, em planos sociais, políticos, culturais e históricos, percebemos que, para estudar a questão da adolescência, é fundamental a realização de trabalhos em que docentes que trabalham com adolescentes pudessem ser ouvidos, uma vez que compõem, inevitável e concretamente, o mundo vivido pelo jovem brasileiro na atualidade. Assim, voltamo-nos para o estudo das relações entre os professores e os alunos de ensino médio, na medida em que entendemos que os educadores

⁵² Temos realizado pesquisas nesse sentido: CABREIRA, PONTES, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2007; BARCELOS, PONTES, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2008

participam do processo de preparação do jovem para a vida adulta, mesmo quando sua visão sobre si mesmos se mantém restrita a de meros transmissores de conhecimento e responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo (ZIBETTI, 2004; COVAL, 2006; BRANDÃO, 2008).

A relevância de escutar o que os docentes têm a dizer em relação aos jovens vai além dessa questão, uma vez que estão inseridos em um ambiente mais amplo, de transformações, pelas quais passam o sistema de ensino, a ciência e a sociedade de um modo geral. Além disso, existem fatores, como a instabilidade econômica, a perda de referências culturais e o avanço de novas tecnologias, que demandam revisão de bases educativas e de percursos formativos para atender às demandas do jovem atual (WISNIVESKY, 2003; BRANDÃO, 2008).

Esperamos que, a partir de nosso estudo, possamos ter uma visão mais ampla em relação tanto aos adolescentes, quanto à visão imaginativa que os docentes têm desses, possibilitando que pensemos em práticas psicoprofiláticas que sejam tanto preventivas quanto interventivas e que favoreçam o amadurecimento emocional dos adolescentes. Chamamos a atenção para o fato de que se trata, neste caso, de uma visão imaginativa, na medida em que o modo como as pessoas se vêem se constitui de modo sumamente complexo e plasmada em elaborações subjetivas prévias, a partir das quais se entra em contato com os acontecimentos, a cada momento.

Metodologia

Em nossas pesquisas temos usado o método psicanalítico, baseando-nos em BLEGER (1963/1989), autor que considera o homem em sua concretude, concebendo que toda conduta é um conjunto de manifestações, vale dizer, de fenômenos humanos, que devem ser abordados a partir de sua contextualização pessoal, social e de ação no mundo. Dentre os grupos de condutas, voltamo-nos, neste momento, tanto para as manifestações simbólicas, vale dizer, as crenças, imagens e emoções, que temos denominado de imaginário coletivo,

como para alguns de seus produtos, como desenhos e histórias (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2006). Não o fazemos por crer que a mente “cause” o comportamento externo, mas entendendo que a conduta, como fenômeno unitário, expressa-se, a cada momento, coerente ou contraditoriamente, como conduta simbólica ou mental, como conduta corporal e como conduta de atuação no mundo externo, que eventualmente gera produtos materiais (BLEGER, 1963).

Dessa forma, contatamos uma pequena escola pública de uma cidade do interior de São Paulo, e realizamos uma pesquisa abordando oito educadores de ensino médio, através de uma entrevista grupal para abordagem da personalidade coletiva (ÁVILA; AIELLO-VAISBERG, 2008), tendo como objetivo, conhecer o imaginário coletivo dos professores sobre os adolescentes. O encontro foi realizado na sala dos professores, onde os docentes sentaram ao redor de uma mesa na qual estava todo o material disponível, como papel sulfite, lápis preto, lápis de cor, canetas hidrocor, entre outros. Este encontro foi realizado em horário de “HTPC” (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), momento institucionalmente previsto para reuniões, por ser um período em que todos estavam disponíveis.

Utilizamos o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, de AIELLO-VAISBERG (1999), em que o participante é convidado a realizar um desenho sobre um tema específico e, em seguida, a contar uma história sobre a produção. Trata-se de tarefa que concebemos de acordo com as linhas paradigmáticas, de caráter essencialmente intersubjetivo, pelas quais se define o Jogo do Rabisco (WINNICOTT, 1964-1968/1994), o que permite um uso do Procedimento como recurso mediador potencialmente facilitador da comunicação emocional.

Pedimos aos docentes que fizessem, individualmente, um desenho-estória segundo o tema “um adolescente nos dias de hoje”, visando favorecer a emergência de visões imaginativas sobre os jovens. Quando todos terminaram, abrimos um espaço para que pudéssemos conversar sobre a atividade ou qualquer outro assunto que surgisse, seguindo a abertura preconizada pelo método psicanalítico.

Após o encontro, realizamos narrativas psicanalíticas (AIELLO VAISBERG, et al., 2009), como forma de registrar a experiência vivida, buscando lembrar do ocorrido durante a

entrevista por meio de associações livres e atenção equiflutuante, tendo em vista facilitar a emergência daquilo que tivesse sido emocionalmente significativo. Entendemos que na narrativa se integram o acontecer vivenciado pelo grupo e a subjetividade compreensiva do pesquisador (GRANATO, CORBET e AIELLO VAISBERG, 2011; GRANATO e AIELLO VAISBERG, 2004).

Elaboradas por escrito, as narrativas e os Desenhos-Estória com Tema dos professores, que juntos compõe o material clínico da presente investigação, foram apresentadas ao grupo de pesquisa, não como forma de unificar as interpretações, mas buscando aproveitar a multiplicidade de olhares e a riqueza das reflexões acerca do material clínico. A partir do debruçar sobre todo o material, buscamos produzir interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional, que temos entendido, através dos conceitos de campo de Bleger (1963/1989) e de Herrmann (2001), como o conjunto das regras lógico-emocionais que sustentam o imaginário coletivo(AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008).

Nessa pesquisa, pudemos interpretar três campos de sentido afetivo-emocionais, “Inútil! A gente somos inútil”, “Você tem fome de quê?” e “No caminho do bem”, que apresentamos a seguir.

Campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos

O primeiro campo de sentido afetivo-emocional interpretado foi denominado de “Inútil! A gente somos inútil”⁵³. Seria regido pela regra lógico-emocional de que ser adolescente equivale a não assumir condutas colaborativas, prestativas e construtivas em relação aos demais, na vida cotidiana. Para ilustrar, introduzimos uma vinheta clínica⁵⁴:

Quando Lucas foi apresentar seu desenho ao grupo, disse que a princípio pensou em não desenhar nada, porque acha que a cabeça do adolescente é vazia, não tem nada, pelo

⁵³ Trecho da música “Inútil” da banda Ultraje a Rigor

⁵⁴ As vinhetas são referentes às narrativas e às produções gráficas. Todos os nomes são fictícios, visando preservar o sigilo e o anonimato, como prevê o Código de Ética de Psicologia.

menos nada que preste, mas achou que iria parecer preguiça dele e por isso fez o desenho de um jovem andando de skate e com fones de ouvido,

Em seguida, relatou que é isso o que pensa, que os adolescentes estão cada vez menos interessados em coisas que sejam úteis, produtivas e só se ligam em porcarias, não pensam em nada com que possam produzir algo.

Já o segundo campo, denominado de “Você tem fome de quê?”⁵⁵, é subjacente às produções em que o adolescente é visto como pessoa fundamentalmente consumista, que só quer receber. A vinheta a seguir ajuda a clarificar tal imaginário:

Joel pediu para falar depois de seu colega de trabalho, que havia apresentado seu desenho e comentado muito sobre acreditar que os jovens são produto mercadológico da sociedade consumista em que vivemos, pois também pensava de forma semelhante. Primeiro apresentou sua produção, explicando que havia feito um adolescente dirigindo uma moto e com um celular ao lado. Em seguida, leu a história: “...Nós queremos curtir a natureza, pilotamos uma moto super potente e o celular com mp10. Mas nunca se preocupa em como chegar nesse nível...”. Relatou que acha que os jovens de hoje falam muito de carros, de moto e que disso entendem tudo, mas que não pensam em como fazer conseguir essas coisas. Disse que os vê buscando de forma errada, pois é mais fácil obterem o que querem e que por isso acabam se afastando da escola e da educação em geral.

O último campo encontrado, “No caminho do bem”⁵⁶, refere-se às produções que são regidas pela regra lógico-emocional de que durante a adolescência o indivíduo se define em termos morais, como pessoa honesta e confiável ou como pessoa de caráter duvidoso. A vinheta a seguir possibilita compreender essa crença:

⁵⁵Trecho da música “Comida” da banda Titãs.

⁵⁶Trecho da música “O caminho do bem” de Tim Maia.

Marcos apresentou seu desenho ao grupo explicando que havia feito um jovem parado entre três caminhos e com pontos de interrogação sobre a cabeça. Em seguida contou que entende que os jovens têm muitas possibilidades de escolha, mas que sempre podem pegar o caminho errado. Falou que entende que no caminho do mal estão presentes as drogas e as formas de conseguir dinheiro fácil, enquanto, no caminho do bem, estaria a educação.

Reflexões teórico-clínicas

Os três campos interpretativamente produzidos podem gerar uma série de reflexões e considerações, já que o fenômeno abordado, o imaginário de professores sobre adolescentes, dos dias atuais, corresponde a fenômeno complexo e multifacetado. No momento, optamos por nos limitar a tecer considerações iniciais.

No campo “Você tem fome de quê?”, notamos um imaginário que chama a atenção, na medida em que se trata de uma escola pública, levando-nos a refletir sobre o quanto a sociedade, como um todo, independentemente do poder aquisitivo, encontra-se regida pela regra lógico-emocional do consumo. O que nos ocorre é que, talvez, esse imaginário tenha aparecido em função da cultura em que vivemos, na qual o consumismo é pregado, direta ou indiretamente, principalmente pelas diferentes formas de comunicação de massa. Pensando na sociedade, na qual estamos inseridos, em que há valorização excessiva da imagem que deve estar acordo com os padrões estabelecidos, é possível perceber a necessidade das pessoas de buscarem realização pessoal em coisas materiais (BAUMAN 2008; CAMPS, 2009).

A percepção do jovem como pouco ativo e colaborador deriva, provavelmente, de experiências em relação às quais os alunos na devem demonstrar muito entusiasmo. Se este problema existe, certamente merece ser mais profundamente investigado. A nosso ver, tanto pode derivar do descompasso na comunicação, que nem sempre respeita os estilos expressivos dos adolescentes, como numa problemática mais profunda, ligada à falta de perspectivas e esperança de realização no futuro. Junto a tais reflexões, podemos pensar que

talvez os educadores, num nível mais profundo, estivessem comunicando o quanto se sentem inúteis, uma vez que não conseguem fazer aquilo a que se dispõem. Tais profissionais mostram-se, a nosso ver, um tanto nostálgicos, por sentirem-se desvalorizados quando se comparam aos educadores de antigamente, que tinham sua profissão mais reconhecida, eram vistos como grandes sábios e eram altamente respeitados, não só pelos alunos, mas pela sociedade em geral (ZIBETTI, 2004; GUTIERRA, 2005; BRANDÃO, 2008). Acreditamos que estão vivendo uma mudança de paradigma em relação ao lugar que ocupam no sistema, uma vez que os jovens de hoje parecem desconfiar do mundo, dos ideais transmitidos, e principalmente dos grandes representantes destes ideais do mundo adulto, os professores, fato que seria considerado inaceitável há alguns anos (GUTIERRA, 2005).

No imaginário segundo o qual a adolescência seria fase de definição moral, pudemos perceber que, ao mesmo tempo em que alguns docentes falaram que caberia aos jovens escolher, outros trouxeram a crença de que caberia aos educadores guiar seus alunos.

O que pudemos notar é que, em todos os campos, há certa queixa dos professores, como se sentissem rejeitados pelos adolescentes. É como se comunicassem uma rejeição ao seu trabalho, pois os jovens ou encontram outras formas de conseguir dinheiro para comprar o que desejam, ou têm um viver tão inerte que não precisam da educação, ou ainda optam pelo caminho do mal, onde não há espaço para os docentes.

Pensando nisso, percebemos que há necessidade de rever como estão as relações que se dão no ambiente escolar, principalmente entre alunos e professores, para que cada vez mais os docentes possam auxiliar no desenvolvimento emocional de seus alunos, a partir do vivenciar um ambiente facilitador, em que conseguissem ter um viver criativo, por exemplo, tendo recursos para lidar com as questões que surgem e que não dizem respeito ao conteúdo pedagógico. Entendemos que assim o ambiente da escola pode tornar-se mais favorecedor ao desenvolvimento dos jovens.

Com tudo isso, não podemos deixar de lado o fato de os docentes comunicarem que em seu imaginário, percebem certo abandono à escola, por parte dos alunos. Mesmo que não seja um abandono literal, de desistir de estudar, é preciso refletir sobre o porquê os

professores estariam colocando, não de forma consciente, que os jovens não consideram a escola e a educação como importantes, acarretando nesse movimento de buscar outros lugares e outros conhecimentos e o que isso causa, emocionalmente, aos docentes.

Ponderando que ao final do encontro, quando todos estavam guardando suas coisas, o coordenador, que também é professor, veio nos pedir que voltássemos mais vezes, nem que fosse para darmos algum tipo de palestra para os alunos, entendemos esse pedido como uma possível carência que pode estar rondando o ambiente educacional. Assim, como já colocou WINNICOTT (1968), *onde houver o desafio do rapaz ou da moça em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio*, compreendemos a necessidade de se pensar em um espaço de acolhimento aos docentes, como já colocado em estudo anterior (ÁVILA; AIELLO-VAISBERG, 2008), pensando que ao vivenciarem uma sustentação emocional, num espaço em que suas angústias sejam acolhidas, poderão ser capazes de oferecer isso aos alunos.

Referências:

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. 1999. 197f. Tese (Livre Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. *Cadernos Ser e Fazer: Imaginários coletivos como mundos transicionais*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006, p. 5-8.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C.L. Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: MONZANI, J.; MONZANI, L. *Olhar: Fabio Hermann - Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/CECH - UFSCar, 2008, p. 311-324.

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. et al. *Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique*. In: BEAUNE, D. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. 1 ed. Paris: L'Harmattan, v. 1, p. 39-52, 2009.

AVILA, C. F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.. Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*: Ribeirão Preto, São Paulo, v. 18, n. 39, p. 155-164. 2008. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 04 out. 2011.

BARCELOS, T. F. et al. Desastre na vida sexual: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a gravidez na adolescência. In: JORNADA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA, 2., 2008, Campinas: PUC-Campinas.

BARRETO, M. A. M. *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. 2006. 197f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2006.

BARRETO, M. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, v.19, n.1, p. 107-114. 2007.

BLEGER, J. (1963) *Psicologia da conduta*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 242.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRANDÃO, S. R.. O percurso formativo de jovens na sociedade contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 455-466, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000400004&lng=pt&nrm>.

Acesso em: 04 out. 2011.

CABREIRA, J. C. et al. “Incompreensão, vazio e oposição pueril”: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. In: JORNADA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA, 1, 2007b, Campinas. Disponível em: <<HTTP://200.18.252.57/services/monografias/ANAIS>>12ABR07.pdf. Acesso em: 04 out. 2011.

CAMPS, C. I. C. M. *O Ser e Fazer na escolha profissional :atendimento diferenciado na clínica winnicottiana*. 2009. 204f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

COVAL, M. A. S. *A representação social da adolescência e do adolescente e expectativas de práticas pedagógicas de futuros profissionais*. 2006. 153f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.2006.

GILLIGAN, CAROL *In a different voice*. Cambridge, Harvard,1993.

GRANATO, T.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, São Paulo, v.12, n 2, p. 253-271, 2004.

GRANATO, T.; CORBETT, E.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Narrativa Interativa e Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n.1, p. 157-163, 2011.

GEENBERG, J; MITCHEL, S. A. *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Tradução Emilia de Oliveira Dieh.Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUTIERRA, B. C. C. Adolescência e Contemporaneidade: efeitos na educação. In: ISIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. Disponível em:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000200035&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 out. de2011.

HERRMANN, F. *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo,2001.

PRATTA, E. M. M. S.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.*Psicologia em Estudo*, Maringá. v.12, n. 2, p. 247-256, mai./ago, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 out. 2011.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41, mar. 2005. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005. Acesso em: 12 de out. 2011.

STOLOROW, R. Psicanálise relacional: entrevista com Robert Stolorow. *Percurso*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 97-102, 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/>. Acesso em: 12 out. 2011.

WINNICOTT, D. W. (1964-1968). O Jogo do Rabisco. In: WINNICOTT, C.: (Org.). Tradução José Octavio Aguiar de Abreu. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 230-243.

_____. (1968) Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento Adolescente e suas Implicações para a Educação Superior. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WISNIVESKY, M. *Psicologia e formação docente: indícios de uma relação*. 2003. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

ZIBETTI, M. L. T. A angústia no ofício do professor. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v.8, n. 2, p. 219-225, dez. 2004. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1413-85572004000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 out. 2011.